



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO

I CONCURSO LITERÁRIO VITA ALERE MEMÓRIA VIVA: HISTÓRIAS DE SOBREVIVENTES DE SUICÍDIO

CATEGORIA II: ENLUTADOS PELO SUICÍDIO

2º. Lugar

SOBREVIVENTES

Autora: Kelly Carla Nascimento

Quando eu tinha 26 anos minha irmã mais velha se suicidou, ela tinha 29 anos, era casada e estava doente fazia algum tempo, ela tinha síndrome de crown, que é um doença bem grave, autoimune e meio determinada ou autodeterminada por uma tristeza não dita e não tratada.

Quando ela melhorou um pouco da síndrome de crown teve depressão e na sequencia se suicidou.

Ela era três anos mais velha que eu, ela me apresentou o Chico, os cantores da MPB e talvez meu gosto pela leitura.

Do ano em que ela morreu lembro com muito carinho de um abraço gostoso que me deu no dia do seu aniversário, mês de junho, na época ela estava bem doente.

Ela morreu dia 25 de outubro de 2005, numa terça feira.

Basicamente foi inacreditável.

Minha mãe tinha se recuperado de uma depressão profunda fazia pouco tempo e quando ela estava muito deprimida, todos nós tínhamos muito medo que ela pudesse se suicidar, mas ela conseguiu se recuperar da depressão sem nunca ter feito nenhuma tentativa de suicídio; então quando minha irmã ficou deprimida nós achamos que já tínhamos passado por algo parecido e o suicídio não era mais um temor, foi um erro nosso e uma falta de percepção de quem nunca viveu isso de perto.

Os anos seguintes foram de um luto intenso, passando por fases de muita raiva, eu sentia muita raiva dela, pensava que se ela aparecesse na minha frente eu a mataria, de tanta raiva que sentia por ela estar morta, por ela ter decidido estar morta, ter ido embora, fechado as portas, queimado os navios... uma grandessíssima imbecil!

Mas, a raiva passou e foi dando lugar a outros sentimentos e com os anos ao entendimento.



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO

Minha irmã era uma pessoa muito reservada, muito sozinha nas dores e nos sentimentos, ela não tinha amigos íntimos e não compartilhava conosco suas questões, era muito sozinha mesmo e eu acho que foi essa solidão que a deixou sem saída, ou sem possibilidades de enxergar outra saída a não ser a morte.

Hoje acho uma pena nós não termos vivenciado isso juntas, compartilhado as suas dores e frustrações, as suas magoas e medos... Se tivéssemos conseguido, provavelmente, ela estaria viva, se ela tivesse conseguido sustentar essa situação de que “viver é muito perigoso”, que a vida é difícil, mas também tem seus momentos bons, ela teria sobrevivido, teria se curvado a dor naquele momento, teria pedido ajuda e teria passado.

Quando eu estava para completar 29 anos comecei a ter crises de ansiedade, desde que ela morreu eu faço análise, isso já tem 12 anos; foi um período duro para mim as crises de pânico, fiquei 15 dias sem trabalhar e um ano me sentindo meio fora do ritmo do mundo. Com o tempo fui me dando conta que a crise tinha a ver com o medo de morrer, com meu medo de ficar mais velha que a minha irmã mais velha, um medo absurdo de ter um surto e me suicidar ou de que algo ocorresse e a vida fosse tirada de mim.

Conversando com outro “sobrevivente” de um suicídio fiquei sabendo que este é um traço ou episódio comum aos que passaram por este tipo de trauma.

Hoje, um pouco antes de começar a escrever este texto, pensei que antes disso tudo acontecer eu era mais leve, mais feliz.... Essencialmente mais leve, quando alguém que amamos morre assim, não é só a pessoa que morre, com ela morre também muito de nós, do que nós fomos e do que poderíamos vir a ser, é uma marca profunda em cada um e no todo da família.

www.vitaalere.com.br

Hoje, não sinto mais raiva, mas pena, saudade de um futuro que não tivemos e muita angústia com tantos casos de suicídios, com tantas dores, tantas perdas...



INSTITUTO
VITA ALERE
DE PREVENÇÃO E POSVENÇÃO DO SUICÍDIO
www.vitaalere.com.br